

A EDUCAÇÃO EM GRAMSCI¹

EDUCATION IN GRAMSCI

Paolo Nosella²

Mário Luiz Neves de Azevedo³

Resumo

O artigo trata a respeito da Educação em Gramsci, discutindo alguns conceitos fundamentais de seu pensamento, tais como “Estado”, “sociedade unitária”, “escola unitária ‘desinteressada’ do trabalho para todos”, “hegemonia” e “bloco histórico”.

Palavras-Chave: Gramsci. Escola Unitária. Estado

Abstract

The article discusses about Education in Gramsci, presenting some fundamental concepts of his thought such as "State", "unitary society", "unitary school", "hegemony" and "historic bloc".

Keywords: Gramsci. Unitary School. State

INTRODUÇÃO

Se cada Estado tende a criar e a manter certo tipo de civilização e de cidadão (e, portanto, de convivência e de relações individuais), tende a fazer desaparecer certos costumes e hábitos e a difundir outros (GRAMSCI, 1980, p. 96).

Gramsci é um pensador muito citado na área da educação. Para muitos educadores, seu nome tornou-se bandeira de distinção, de orgulho, de aprofundamento teórico e de organização corporativa. Entretanto, não esqueçamos: é um autor de quem muito ainda se pode extrair.

No Brasil, os textos de Gramsci chegaram em 1966 com o livro **a Concepção Dialética da**

História, traduzido por Carlos Nelson Coutinho. Depois, foram publicados, em 1968, **Literatura e vida nacional**, uma seleção de textos traduzidos também por Carlos Nelson Coutinho; **Maquiavel, a política e o Estado moderno**, traduzido por Luiz Mário Gazzaneo; **Os intelectuais e a organização da cultura**, tradução de Carlos Nelson Coutinho. Em 1987, Noênio Spínola seleciona e traduz 223 **Cartas do Cárcere**. Hoje, dispomos da nova tradução e edição dos Cadernos e das Cartas do Cárcere, organizadas por Carlos Nelson Coutinho, Marcos Nogueira e Luís Sérgio Henrique, pela Civilização Brasileira.

Antonio Gramsci, italiano da Sardenha, nasceu em 1891. Foi contemporâneo dos grandes acontecimentos históricos do primeiro terço do século XX: Primeira Guerra Mundial, Revolução Bolchevique, a grande crise do capitalismo de 1929 e a ascensão do fascismo. Faleceu em 1937, pouco antes da eclosão da Segunda Grande Guerra. É um seguidor original do marxismo, que ele preferiu chamar de Filosofia da Práxis.

Entre suas preocupações, a educação e a escola mereceram atenção especial por duas razões principais. Primeiramente, porque Gramsci acreditava que o mundo pode ser transformado e a educação e a cultura podem ser causa e efeito dessa mudança, enquanto espaços de formação, informação, reflexão e construção do consenso na

¹ Esse artigo foi publicado, originalmente, no livro Sociologia da Educação: múltiplos lhares. Organizador por FALCO, Aparecida Meire Calegari. 2. Ed. Maringá: EDUEM, 2009 – Coleção Formação de Professores – EAD; v. IX

² Professor nos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFSCar e da Uninove. Doutor em Filosofia da Educação pela PUC/SP. Pesquisador do CNPq.

³ Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM (PR). Doutor em Educação pela FE-USP. Pós-doutorado pela Universidade de Bristol (Reino Unido). Pesquisador do CNPq.

sociedade. Em segundo lugar, porque a escolarização é um meio de formação "massiva" de quadros dirigentes e de cidadãos em geral.

A ESCOLA EM GRAMSCI

*A questão escolar interessa-me
muitíssimo.*
(Gramsci, Cartas, 1975, p. 542)

É anacrônico, assinala Manacorda, aplicar o termo e o conceito de escola a épocas mais antigas. A escola, como espaço coletivo e organizado de ensino, é algo relativamente recente. O que não quer dizer, absolutamente, que não tenha existido educação na Antiguidade, uma vez que, desde sempre, a geração mais velha educa a mais jovem, segundo suas condições históricas de existência.

A Grécia antiga encontrou uma forma de educação na *Paideia*, cujas práticas deixaram numerosos vestígios na linguagem. A função de conduzir as crianças à escola forjou um vocábulo próprio: pedagogo, isto é, a pessoa que, antes de ser o formador, era o condutor do educando ao espaço (*locus*) de formação. Até mesmo a etimologia do termo “escola” nos remete ao grego clássico, ao lugar do ócio e do lazer. Em latim, a escola é o lazer dedicado ao aprendizado e ao ensino⁴.

A Idade Média apresenta uma evidente diferença da escola greco-romana. A escola medieval existia exclusivamente para a formação clerical e militar. A massa da população medieval ficava à margem da instrução formal mais elaborada, conformando-se com o que estava prescrito nos estatutos corporativos.

A modernidade criou instituições escolares para uma parte da burguesia. Efetivamente, com a Revolução Industrial, alguns setores sociais necessitaram de uma formação curricular formalmente elaborada.

A partir do século XIX, a escolarização tornou-se um ponto de pauta importante na política de Estado. Não é inútil lembrar que, até

bem pouco tempo atrás, a realidade do ensino formal resumia-se no binômio entre frequentar a escola e não frequentá-la e a discussão sobre “qual escola” ou “qual método escolar” é algo historicamente recente, pois a escola

Nasce historicamente no interior das classes possuidoras, como estrutura destinada exclusivamente à sua formação; não existe para as demais classes. Apenas as classes possuidoras têm essa instituição específica que chamamos escola e que [...] apenas há pouco tempo, ou seja, aproximadamente a partir do início da revolução industrial, começa a tornar-se, em perspectiva, uma coisa para toda a sociedade [...] (MANACORDA, 2008, p. 119).

No século XX, a classe trabalhadora alcança suficiente nível de organização e acúmulo de experiência, tornando-se um ator social com capacidade de disputar politicamente a direção do Estado. Prova disso foram as várias revoluções proletárias⁵, como a Revolução Russa de 1917. A classe trabalhadora, na atualidade, demonstra capacidade de conquistar grande número de votos, a exemplo dos diversos partidos sociais-democratas, socialistas e comunistas. Com isso, o direito à educação escolarizada se universaliza e sua organização se constitui, politicamente, em um setor estratégico do Estado. Sociologicamente, torna-se um importante tema teórico e campo social.

Naturalmente, também a intelectualidade e os partidos políticos passam a tratar a escola e a educação como destacados objetos de elaboração filosófica e política, porque, como podemos notar, a “escola, daquela estrutura reservada aos jovens das classes privilegiadas, converteu-se, cada vez mais, numa escola aberta também aos jovens das classes subalternas” (MANACORDA, 2008, p. 129). Isso tudo, porém, não significou o fim das diferenças de classe social. A estrutura dualista na sociedade ainda manifesta-se “horizontalmente”, distinguindo e separando aqueles que continuam os estudos em busca da ciência daqueles que são obrigados a deixar os bancos escolares pelas bancadas de trabalho; “verticalmente”, separa os

⁴ O **Dicionário Houaiss** anota a seguinte etimologia para “escola”: “lat. schòla, ae 'lugar nos banhos onde cada um espera a sua vez; ocupação literária, assunto, matéria; escola, colégio, aula; divertimento, recreio', do gr. skholê, ês 'descanso, repouso, lazer, tempo livre; estudo; ocupação de um homem com ócio, livre do trabalho servil, que exerce profissão liberal, ou seja, ocupação voluntária de quem, por ser livre, não é obrigado a; escola, lugar de estudo';”

⁵ O século XIX testemunha vários movimentos organizados pelo proletariado, como as lutas de 1848 na França e a Comuna de Paris de 1871, que foram duramente reprimidos pelas forças da ordem.

que estudam em escolas “desinteressadas”, isto é, de rigor científico e de ampla cultura geral que os habilitam para os cargos de direção da sociedade, dos que frequentam as escolas “interessadas” que os habilitam tão somente para a execução do trabalho e a aplicação da técnica (escolas profissionalizantes).

Ele próprio um intelectual de formação clássica e historicista, Gramsci, partindo da tese marxista de que a produção da existência (trabalho) é o demiurgo de toda a superestrutura, desenvolve uma original reflexão a respeito do sentido da cultura e da escola. Questiona a dualidade do sistema escolar, ou seja, a existência de dois tipos de escola para dois tipos de classes de cidadãos: a escola desinteressada-do-trabalho, para a elite, com um programa humanista, de vasta e moderna cultura universal, destinada àqueles que não precisam se submeter ao imediatismo do mercado profissional; e a escola interessada-do-trabalho, precocemente profissionalizante, com um pragmático e pobre currículo, destinada à parcela majoritária da população, com o intuito de formar jovens para o imediatismo do mercado, sem preocupações com os valores universais.

Gramsci insiste na escola unitária “desinteressada” do trabalho para todos. Obviamente, o termo “interessado/desinteressado” não se refere às categorias de neutralidade ou comprometimento político/ideológico. Gramsci percebe que esse termo poderia ser equivocadamente entendido, por isso quase sempre utiliza as aspas. Em 1932, do cárcere, escreve para Giulia, sua mulher:

Uma vez defendi, com algum escândalo de sua parte, que os cientistas, em sua atividade, são 'desinteressados'. Você respondeu, muito rapidamente, que eles são sempre 'interessados'. Naturalmente, eu falava em termos 'italianos', e na cultura italiana me referia às teorias do Prof. Loria, que interpretou o termo e a noção de 'interesse' num certo sentido pejorativo que, nas teorias de Feuerbach, é qualificado como *schmutzig jüdisch*, sordidamente judaico. (GRAMSCI, 1975a, p. 598).⁶

⁶ Na mesma carta, Gramsci acrescenta um *poscriptum*: *Spero che non farai equivoco sull'espressione 'sordidamente giudaico'...non vorrei essere creduto 'antisemita' per queste parole. Ma l'autore di esse non era ebreo?* (Espero que você não se equivoque pela expressão 'sordidamente judaico' [...])

Portanto, para Gramsci, o termo 'desinteressado' conota um horizonte cultural amplo, de longo alcance, que interessa objetivamente não apenas a indivíduos ou a pequenos grupos, mas à coletividade e até à humanidade inteira. Em outras palavras, uma escola 'desinteressada-do-trabalho' é aquela cujos conteúdos e métodos abordam profundamente e com rigor científico a problemática moderna do mundo do trabalho, objetivando entendê-lo em suas raízes históricas e em suas potencialidades técnicas. Não se trata, obviamente, de uma escola de curta duração, precocemente profissionalizante, que objetiva treinar um operador de máquinas, preciso e submisso.

A solução aventada por Gramsci para superar a dicotomia entre escola interessada e escola desinteressada é a institucionalização da “escola unitária” para todos, ou seja,

de uma escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de maneira equânime o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades do trabalho intelectual. Desse tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (GRAMSCI, 1975b, p. 1531).

Certamente, Gramsci sabia que nenhum projeto pedagógico, nem sequer o da escola unitária, por si só romperia a barreira da injustiça social. Por isso, afirma que também a sociedade de classes precisa implementar um projeto político que a torne social e culturalmente cada vez mais unitária. Ou seja, o projeto político geral e o pedagógico crescem juntos, caminham *pari passu*:

O advento da escola unitária significa o início de novas relações entre trabalho intelectual e trabalho industrial **não apenas na escola, mas em toda a vida social**. O princípio unitário, por isso, refletir-se-á em todos os organismos de cultura, transformando-os e emprestando-lhes um novo conteúdo (GRAMSCI, 1975b, p. 1538, sem grifo no original).

não gostaria de passar por 'antisemita' por causa destas palavras. Mas, o autor delas não era hebreu?).

A dialética entre o projeto político geral e o projeto pedagógico é na verdade a compenetração sincrônica entre os dois. Gramsci afirma categoricamente que toda especulação sobre o projeto que precede ou o que vem depois, isto é, se primeiro se deve fazer a revolução educacional e depois a social ou o contrário, é uma especulação metafísica (ver Caderno do Cárcere n. 11, *passim*). Assim como é metafísica a afirmação pela qual antes se vive o "reino da necessidade e em seguida o da liberdade"; ainda é metafísica a afirmação que propõe primeiro o dever de tomar o Estado, em seguida de fazer as reformas. Historicista radical como é, Gramsci aprendeu de Marx a distinguir o conceito de revolução do de insurreição. Nas palavras de Manacorda:

Marx distinguia, no preâmbulo das 'Lutas de classes na França em 1848', a insurreição da revolução, dizendo que no decorrer da luta de 1848 o Partido Insurrecional havia amadurecido para Partido Revolucionário: da insurreição para a Revolução (MANACORDA, 2008, p. 12).

Neste sentido, a Revolução, enquanto mudança total e profunda dos sistemas sociais, para Gramsci deve ser realizada todos os dias: nas mentes e nos corações de todos os homens e mulheres, na família, na praça, nos campos, na mídia e, obviamente, nas escolas. Com efeito, as insurreições, se às vezes foram felizes parteiras da revolução, ocorreu muito raramente. "Frequentemente, acabaram mal, deixando as coisas num ponto ruim de sua história" (MANACORDA, 2008, p.12).

A revolução é um imperativo educacional cotidiano, prático, molecular. Sobre isso, não resta dúvida quando se lê a carta que enviou à sua mulher, mãe de seus filhos Délío e Giuliano, no aniversário respectivamente de 7 anos do primeiro e de 5 do segundo. A idéia que embasa essa carta é que cada educador, ou cada pessoa, é uma molécula do Estado e, como tal, sua ação particular representa um passo no processo de mudança do próprio Estado:

Caríssima Giulia. Tu (pelo menos é a impressão que tenho) compreendes bem intelectualmente, teoricamente, que és um elemento do Estado e, como tal, tens o dever de representar e exercer o poder de coerção, dentro de determinadas esferas,

para modificar de forma molecular a sociedade, para especificamente tornar a geração nascente preparada para a nova vida (isto é, cumprir dentro de determinadas esferas aquela ação que o Estado cumpre de modo concentrado sobre toda a área social) - e o esforço molecular não pode teoricamente ser distinto do esforço concentrado e universalizado;- mas me parece que em termos práticos não consegues livrar-te de certos hábitos tradicionais, ligados a concepções espontaneístas e libertárias, quando se trata de explicar o surgimento e o desenvolvimento dos novos tipos de humanidade que sejam capazes de representar as diversas fases do processo histórico. (Gramsci, 1975a, p. 456-457).

Da mesma forma, referindo-se aos professores que, nas escolas burguesas, ensinam para as crianças da classe popular (cuja esmagadora maioria reflete relações civis e culturais antagônicas às que são refletidas pelos programas escolares oficiais), diz que:

[...] o nexó instrução-educação somente pode ser representado pelo trabalho vivo do professor, na medida em que o mestre é consciente do contraste entre o tipo de educação e de cultura [dominantes] que ele representa e o tipo de sociedade e de cultura representado pelos alunos; sendo também consciente de sua tarefa que consiste em acelerar e em disciplinar a formação da criança conforme o tipo superior [de cultura] em luta com o tipo inferior. (Gramsci, 1975b, p.1542).

Trata-se de uma afirmação clara de Gramsci em defesa da possibilidade de educação revolucionária por parte dos professores, individualmente, mesmo que atuando num contexto político social fascista e reacionário.

Sabemos que a obra e a práxis política de Gramsci caracterizam-se pelo "otimismo da vontade e pessimismo da razão", para utilizar uma sua célebre expressão. Isto é, a dúvida metódica da razão não mata o engajamento da vontade de alterar as relações sociais tendo a escola como um instrumento social fundamental para a emancipação humana, pois a educação e a cultura são o substrato para o cultivo de um novo consenso em favor de valores como a solidariedade e a igualdade com vistas à

construção de um mundo justo e fraterno. De outro lado, sua tese da articulação sincrônica entre o projeto pedagógico da escola unitária e o projeto político revolucionário, o livra definitivamente tanto da acusação de idealismo pedagógico como da acusação de determinismo econômico.

Muito mais poderia ser dito a respeito da educação, da escola e da cultura em Gramsci, entretanto, uma vez que essas esferas da sociedade dependem da formatação de políticas públicas, não podemos deixar de dizer algo sobre o original conceito de Estado desse autor. Com efeito, é o Estado (não só o governo) o grande orquestrador dessas políticas.

O ESTADO EM GRAMSCI

a industrialização de um país se mede pela sua capacidade de construir máquinas que construam máquinas e na fabricação de instrumentos cada vez mais precisos para construir máquinas e instrumentos que construam máquinas etc. O País que possuir a melhor capacitação de construir instrumentos para os laboratórios dos cientistas e para construir instrumentos que fabriquem estes instrumentos, este país pode ser considerado o mais complexo no campo técnico-industrial, o mais civilizado, etc. Do mesmo modo ocorre na preparação dos intelectuais e nas escolas destinadas a tal preparação; escolas e instituições de alta cultura são similares. Neste campo, igualmente, a quantidade não pode ser destacada da qualidade. A mais refinada especialização técnico-cultural, não pode deixar de corresponder a maior ampliação possível da difusão da instrução primária e a maior solicitude no favorecimento dos graus intermediários ao maior número [...] (GRAMSCI, 1991, p. 9-10).

É importante frisar que tratar de políticas públicas para a educação é tratar do Estado, que ao mesmo tempo é produtor e produto de políticas públicas. Esse especial ente não é homogêneo em sua composição, está eivado de contradições, ou seja, o Estado é passível de ser objeto de disputa entre atores pertencentes a campos sociais diversos e, concomitantemente, influenciar o arranjo espacial de qualquer campo social e a vida de seus atores. Ele próprio, o Estado, portanto, é um (mega e meta) campo social.

Em outras palavras, para se utilizar uma linguagem gramsciana, as políticas públicas são produtos das relações de Estado, porém, ao mesmo tempo, são esteios para o bloco histórico no poder, alimentando a supremacia, o domínio, a direção e a hegemonia exercida por atores, grupos e classes sociais sobre o Estado; lembrando que o Estado é a sociedade política e a sociedade civil em seu conjunto. As políticas sociais e públicas originadas desse arranjo político ocorrem em relação ao processo de construção do bloco histórico detentor da capacidade política e econômica para tal.

Em resumo, Gramsci, percebendo a complexidade do mundo da política, do poder e das relações sociais, desenvolve um original conceito de Estado, ampliando sua compreensão teórica⁷. Para ele, o Estado não se impõe somente pela força, mas também pela ideologia e pela cultura, fenômenos sociais que, em grande medida, têm a escola e a educação como vetores. Ainda de acordo com Gramsci, "o Estado tem e pede o consenso, mas também 'educa' este consenso utilizando as associações políticas e sindicais, que, porém, são organismos privados deixados à iniciativa particular da classe dirigente" (1989, p. 145).

Deste modo, ao Estado-coerção é adicionado o Estado-consenso, isto é, em Gramsci, o Estado se dilata. A sua "Teoria Ampliada de Estado"⁸ compreende o Estado como sendo a soma da força e o consenso. Segundo Gramsci, "por 'Estado' deve-se entender, além do aparelho governamental, também o aparelho 'privado' de 'hegemonia' ou Sociedade Civil" (GRAMSCI, 1989, p. 147).

A Sociedade Civil, ou seja, o conjunto das instituições civis, entre elas a escola, que formam a opinião pública, que criam e difundem a ideologia e a cultura, representa o polo do consenso no Estado. Já a Sociedade Política desempenha o papel da coerção. Dito de outro modo, a Sociedade Política detém o monopólio da violência, enquanto a Sociedade Civil é o ambiente da persuasão e do convencimento.

⁷ CARNOY afirma que o pensamento de Gramsci não é discordante de Marx: "Na verdade, como vários teóricos têm mostrado, não há divergências entre a problemática de Marx e de Gramsci [...]" (CARNOY, 1986, p. 94).

⁸ Segundo Carlos Nelson Coutinho, Christine Buci-Gluksmann utilizou a expressão "Teoria Ampliada de Estado" pela primeira vez para denominar esse conceito de Estado de Gramsci.

Sociedade Civil e Sociedade Política são as duas expressões fundamentais contidas na fórmula gramsciana de Estado (força + hegemonia). De acordo com Gramsci,

Permanecemos sempre no terreno de identificação de Estado, e de governo, identificação que não passa de uma representação da forma corporativo-econômica, isto é, da confusão entre sociedade civil e sociedade política, pois deve-se notar que na noção geral de Estado entram elementos que também são comuns à noção de sociedade civil (neste sentido, poder-se-ia dizer que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é hegemonia revestida de coerção (1989, p. 149).

A hegemonia é a substância principal de união do bloco histórico; a hegemonia funciona como uma liga para a construção do amálgama sociopolítico que dirige uma sociedade. No dizer de Luciano Gruppi:

A hegemonia tende a construir um bloco histórico, ou seja, a realizar uma unidade de forças sociais e políticas diferentes; e tende a conservá-la juntas através da concepção do mundo que ela traçou e difundiu - citando Gramsci, continua Gruppi - 'a estrutura e as superestruturas formam um bloco histórico'. A luta pela hegemonia deve envolver todos os níveis da sociedade: a base econômica, a superestrutura política e a superestrutura ideológica (1980, p. 78).

Com base no raciocínio de Marx, segundo o qual as ideias, quando assimiladas pelas massas, transformam-se em força material, Gramsci, analogamente, produz o conceito de bloco histórico que é um construto ideal, se preferir um tipo ideal, para designar a concentração das forças físicas (material) e das ideias (espiritual). Para Gramsci,

A análise, destas afirmações (de Marx), creio, conduz ao fortalecimento da concepção de 'bloco histórico', no qual, justamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma - sendo que esta distinção é puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias

individuais sem as forças materiais (GRAMSCI, 1981, p. 63).

A classe dirigente do bloco histórico detém a supremacia. Gruppi propõe que a "Supremacia é domínio e direção. Pode-se dizer que é domínio e hegemonia" (1980, p. 79). Logo, há crise política quando a classe dominante perde a capacidade de dirigir a sociedade. Assim, havendo a crise, a continuidade no poder por parte dessa classe passará a depender da esfera do domínio, ou seja, do lado coativo do Estado. Em outras palavras, a classe dominante, estando em crise de direção, passa a depender em maior grau do potencial de força do Estado para que possa continuar à frente do Estado.

O vácuo político deixado pela falta de direção pode ser preenchido, de modo alternativo, por outra classe que forme um novo bloco histórico. Neste sentido, faz-se necessário que a classe que pretende o poder saiba "indicar de modo concreto a solução para os problemas" (GRUPPI, 1980, p. 79). Isto pode ocorrer "quando (esta classe) tem uma concepção do mundo que conquista novos aderentes, que unifica o alinhamento que se forma em torno dela" (GRUPPI, 1980, p. 79).

A sociedade política adquire o equilíbrio no todo social (na sociedade nacional) com o concurso da sociedade civil. Os intelectuais, em seus vários níveis de atuação e de prestígio, têm papel crucial na formação do consenso, pois eles são criadores, mediadores e multiplicadores da opinião pública. Em uma carta do cárcere escrita em 1931, Gramsci oferece uma ilustração de como ele enxerga o intelectual:

Querida Tânia [...] eu próprio dilato muito a noção de intelectual e não me refiro à noção corrente que se restringe aos grandes intelectuais. Essa dilatação influi também sobre certas determinações do conceito de Estado que comumente é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo para conformar a massa popular a um tipo de produção e economia de um momento determinado) e não como equilíbrio da sociedade política com a sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre toda a sociedade nacional exercida através das organizações assim chamadas privadas, como por exemplo a Igreja, os sindicatos, as escolas, etc.) e

precisamente na sociedade civil agem os intelectuais especificamente [...] (GRAMSCI apud NOSELLA, 2004, p. 93).

Mas, enfim, o que pode significar na prática esse modo dilatado de visualizar a figura do intelectual e essa maneira dilatada de compreender o Estado? Essa visão, como o próprio Gramsci explicou, está imbricada com o conceito de hegemonia. A sociedade civil é portadora, desde o nível molecular mais simples aos complexos e sofisticados arranjos sociais, da hegemonia. A comunicação entre os sujeitos, a reflexão, a persuasão, o convencimento, a luta de ideias, a educação, a cultura, a ideologia, os sindicatos, as associações, as ONG's (Organizações Não-Governamentais), as religiões, as escolas, etc., são meios e continentes de hegemonia. As instituições da sociedade civil comportam um conjunto de instrumentos e símbolos capazes de interferir na direção da sociedade nacional.

O Estado em Gramsci adquire uma nova dimensão. Ele o concebe amplo e dilatado, não simplesmente no sentido aumentativo, como um Estado grande. O conceito gramsciano de Estado exprime a possibilidade de transformação da sociedade. A "Teoria Ampliada de Estado" de Gramsci fornece elementos para conhecer, dissecar e transformar o Estado, instituição portadora da força e da hegemonia. Tal teoria é uma criativa interpretação do conceito de Estado e uma original construção teórica que nos permite perceber de modo vivo a luta entre os atores sociais pela supremacia que pode ser deduzida como sendo a habilidade, ungida pela hegemonia, de dirigir o Estado.

Dessa forma, as possíveis perdas de capacidade de direção da sociedade como um todo por parte da classe dominante constituem momentos que permitem o desenvolvimento de atividades transformadoras. A crise de hegemonia deve ser apreendida pela classe dominada como o grande momento de questionamento da ideologia dominante, bem como da afirmação da sua própria práxis com a finalidade de construir um novo bloco histórico e de conquistar a hegemonia.

No entanto, isso não quer dizer que a classe que se coloca como alternativa deva destruir tudo da antiga sociedade. Gramsci não era um destruidor de tudo, do passado em bloco; talvez, até mesmo por sua personalidade, era um grande

consertador. Para ele, o novo nasce do velho e, como tal,

só podia aceitar de 'destruir' da sociedade as arestas, as incrustações, os freios, os bloqueios que impediam a nova e original construção; inclusive, preservando peças e materiais pertencentes à velha construção social para utilizá-los dentro de uma nova forma geral (NOSELLA, 2004, p. 89).

Cuidadoso filósofo e artesão da práxis, Gramsci recorda com emoção de sua infância em uma carta a sua esposa Giulia:

lembra, em Roma, como Délío pensava que eu pudesse consertar todas as coisas quebradas? Este seria, creio eu, um indício de [...] construtividade, de caráter positivo, [...]. Você está enganada ao pensar que eu, quando pequeno, tivesse tendências [...] literárias e filosóficas, como me escreveu. Ao contrário, eu era um destemido pioneiro e não saía de casa sem pôr nos bolsos alguns grãos de trigo e alguns fósforos embrulhados em pedacinhos de plásticos para a eventualidade de ser jogado numa ilha deserta, abandonado com apenas meus próprios meios. Era portanto um valoroso construtor (GRAMSCI apud NOSELLA, 2004, p. 86).

A citação acima faz parte de uma argumentação a respeito da "Frente Única", defendida por Gramsci contra o fascismo. Essa passagem demonstra a coerência, a criatividade e a positividade construtiva de Gramsci, perceptível em seu conceito de Estado, onde em que ele desmonta cientificamente a estrutura e a superestrutura do Estado e o reconstrói em nova perspectiva. Transpondo essa ideia para o presente, acreditamos que o século XXI precisa se tornar um palco para uma "Frente Única" contra o liberalismo ortodoxo, a mercadorização das relações sociais, a ditadura do capital financeiro, que colocou o mundo em crise; "frente única" em favor do desenvolvimento sustentável, da educação "desinteressada", de qualidade, da solidariedade e da emancipação humana.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O homem moderno deveria ser uma síntese dos caracteres nacionais representados de forma exemplar como sendo: o engenheiro americano, o filósofo alemão, o político francês, recriando, por assim dizer, o homem italiano do Renascimento, o tipo moderno de Leonardo da Vinci. (Gramsci, 1975a, p.654).

Uma das grandes teses gramscianas sobre a escola é certamente a afirmação sobre a sincronia do advento da escola unitária e da sociedade unitária. Essa tese nos impõe, como educadores componentes e cidadãos politicamente compromissados, que lutemos ao mesmo tempo pelas duas. Não é possível, portanto, retroceder no projeto pedagógico da unitariedade da escola básica com a desculpa que a sociedade é ainda dual. No entanto, o que assistimos hoje, no âmbito das reformas e das propostas educacionais, é exatamente a esse retrocesso: ampla apologia do ensino profissional da dualidade, inclusive administrativa e formal, do ensino médio. A integração à preparação para o trabalho e o acesso à vasta cultura humanista é um ideário abandonado tanto pelos populistas quanto pelos socialistas. Ocorre hoje um fenômeno semelhante o denunciado por Gramsci em 1922, isto é, o sórdido acordo político entre populistas e socialistas na repartição do sistema escolar:

Entre os populares e os socialistas a um recíproco acordo sobre o problema da escola: os socialistas cedem para os populares o ensino médio regular, os populares cedem para os socialistas as escolas profissionais. Os populares se encontram em condições de impor um monopólio sobre as escolas, porque eles dispõem de um numerosíssimo pessoal assalariado pelo Estado. [...] Os socialistas aceitam o conceito que a escola profissional é a escola dos operários. Com isto reconhecem de forma contra-revolucionária que as classes devem ser sempre hereditariamente duas (GRAMSCI, 1978, p. 523)⁹.

⁹ Entre popolari e socialisti c'è un recíproco accordo sul problema della scuola: i socialisti cedono ai popolari le scuole medie superiori (ensino médio regular), i popolari cedono ai socialisti le scuole professionali. I popolari si trovano in condizione di imporre un monopólio sulle scuole,

Com alguns ajustes de caráter histórico e terminológico, a denúncia de Gramsci se aplica ao que hoje ocorre entre nós, sobretudo, no âmbito do ensino médio: ao "sistema S" e às Secretarias de Desenvolvimento e Tecnologia entrega-se a gestão das escolas de ensino técnico destinado à preparação profissional imediata, enquanto às Secretarias de Educação entrega-se a gestão do ensino propedêutico, com vistas à formação geral e à preparação para o vestibular. Assim, a dualidade do sistema é formalmente consentida (e incentivada), como ocorreu pelo decreto do Governo Federal de 1997, ao determinar que:

o ensino técnico, organizado em módulos, seja oferecido separadamente do ensino médio regular (...). Uma vez que os cursos técnicos e os de educação em geral estariam sob a responsabilidade de instituições diferentes, se transferiu ao aluno a tarefa de tentar a integração, sem a qual muitos conhecimentos técnicos ficam sem sentido". (Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, PUC/SP, 2005, p.8-9).

Naturalmente, é preciso considerar que, das primeiras décadas do século XX até hoje, muitas coisas mudaram, inclusive o conceito e a noção de unitariedade escolar evoluíram. Talvez, a escola unitária de hoje signifique não tanto uma integração curricular de matérias ligadas à produção com outras ligadas à cultura geral, mas sobretudo um oferecimento de condições objetivas para que todo cidadão possa optar livremente pela formação naquilo que é de seu gosto. Assim, a problemática da dualidade do ensino escolar toma hoje outro enfoque, deslocando a atenção dos conteúdos escolares para a situação social que força alguns a escolherem a formação que não desejam, enquanto a outros permite uma escolha livre. Com efeito, um conteúdo de formação técnica muda de sentido quando escolhido livremente e quando imposto por necessidade econômica.

Um segundo aspecto que diferencia hoje a noção de unitariedade escolar da noção de escola

poiché essi dispongono di un numerosissimo personale che già riceve uno stipendio dallo Stato. [...] I socialisti accettano il concetto che la scuola professionale sia la scuola degli operai. In ciò sta il riconoscimento controrivoluzionario che le classi debbono essere sempre ereditariamente due. (GRAMSCI, 1978, p. 523).

única do início do século XX é a compreensão de que, não só todos os cidadãos devem poder aprender a produzir algo de acordo com suas aptidões e opção, mas também precisam aprender a usufruir humanamente de todos os bens existentes. Obviamente, no industrialismo da primeira parte do século XX, a compreensão de unitariedade escolar era reducionista, pois então o trabalho industrial precisava enfatizar a fase mecanicamente produtiva. Entretanto, hoje sabemos, nem todos podem produzir tudo e nem todos podem saber de tudo. O essencial é que todos produzam algo útil, mas possam também usufruir tudo. Em suma, usufruir é uma fase do processo produtivo tão complexa e essencial quanto a primeira fase do mesmo processo.

Assim, igualdade social e cultural significa a participação de todos os cidadãos na produção "desinteressada" do saber, da ciência e da técnica e também no gozo dos elevados prazeres humanos, sobretudo das atividades culturais mais elaboradas e sofisticadas. Para esse objetivo complexo, a escola unitária tem sua enorme tarefa: ensinar a produzir algo com qualidade e a usufruir de tudo com responsabilidade. Essa ideia foi magistralmente expressa por Manacorda, dando continuidade à intuição fundamental de Gramsci sobre escola unitária:

diante das exigências do mundo moderno, nós precisamos mirar o mais possível na preparação do aluno não somente para ser ele mesmo, mas também para entrar na sociedade, senão com a capacidade de ser um produtor de cultura em todos os campos, pelo menos com a capacidade de desfrutar, de saber gozar, de todas as contribuições da civilização humana, das artes, das técnicas, da literatura. A cultura deve ser direcionada totalmente para todos, facilitando as disposições intelectuais e ao mesmo tempo forçando todo mundo, com firme doçura, a participar de todos os prazeres humanos. Para isto se precisa de uma escola que ministre o mais possível ensinamentos rigorosos – difíceis de serem determinados – sobre o que é necessário ao homem para ser um homem moderno; mas que possibilite também, ao mesmo tempo, um espaço em que cada um

livremente se forme naquilo que é de seu gosto: pode ser a arte, a música, a matemática, o aeromodelismo, a radiotelegrafia, a astronomia ou também o esporte, ou até mesmo as técnicas artesanais. (Manacorda, 2008, p.23).

Referências

- CARNOY, Martin. **Estado e teoria política**. Campinas, SP: Papirus, 1986.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- _____. **Maquiavel, a política e o Estado moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- _____. A revolução contra "O Capital". In: _____. **Escritos políticos**. Lisboa: Seara Nova, 1976. v. 1.
- _____. **Lettere dal Carcere**. Turim: Giulio Einaudi Editore, 1975.
- _____. **Quaderni del cárcere**. Turim: Giulio Einaudi Editore, 1975. Edição crítica de Valentino Gerratana. v. 1-4.
- _____. **Socialismo e fascismo**. Torino: Giulio Einaudi Editore 1978.
- GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci: americanismo e conformismo**. Campinas, SP: Alínea, 2008.
- _____. **Marx e a Pedagogia moderna**. Campinas, SP: Alínea, 2008.
- _____. **Aos Educadores Brasileiros**. Organizadores: Paolo Nosella, Dermeval Saviani, José Claudinei Lombardi. DVD. HISTEDBR, Campinas, 2007.
- NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 34, p.149, 2007.
- NOSELLA, Paolo; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Mario Manacorda: aos educadores brasileiros**. Campinas, SP: Unicamp, 2007. DVD, HISTEDBR.
- PROGRAMA de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, PUC/SP. Ensino Médio e Ensino Técnico no Brasil e em Portugal – raízes históricas e panorama atual. Autores Associados, Campinas, 2005.